

INFÂNCIA, CULTURA E FORMAÇÃO DO LEITOR INDÍGENA

MAGALI REIS (PUC MINAS), GISELLE MOREIRA DA SILVA (PUC MINAS), SUELI MACHADO PEREIRA OLIVEIRA (PUC MINAS).

Resumo

A pesquisa Infância, Cultura e Formação do Leitor Indígena é parte de um projeto mais amplo que vimos desenvolvendo desde 2001, como parte das atividades de pesquisa e extensão, que teve como objetivo inicial acompanhar a chegada deste grupo étnico ao município de Caldas – Minas Gerais. Dentre as atividades desenvolvidas vimos desde 2004, acompanhando a educação, através da Escola Estadual Indígena Warkanã de Aranuã. A pesquisa buscou compreender como os Xucuru–Kariri percebem a infância e sua educação, qual o lugar da criança em sua sociedade, quais as mudanças em curso na vida das crianças, desde a mudança para a região sul de Minas Gerais. Procuramos, em particular, analisar as relações entre transmissão da cultura Xucuru–Kariri, e as transformações sociais decorrentes dos processos de luta pela terra. Atualmente cerca de um terço da população da aldeia tem entre 0 e 14 anos de idade. Os adultos procuram elaborar nas suas práticas e rituais o conteúdo de sua cultura, e se mostram preocupados em promover a transmissão de conhecimento mediante a aprendizagem e o convívio de crianças de diferentes faixas etárias. Pudemos observar ao longo da pesquisa que não há segregação entre as crianças, mesmo as mais pequenininhas permanecem próximas à escola, construindo assim uma rede de sociabilidade distinta. O estudo mostrou a centralidade da educação como forma de superação da relação de dominação entre sociedade indígena e não–indígena, mostrou ainda o papel central da escola na sociabilidade dos aldeados adultos e crianças.

Palavras-chave:

Educação Indígena, Cultura, Sociologia da Infância.

Introdução

Apresentamos neste artigo algumas reflexões decorrentes das atividades extensionistas[1] desenvolvidas na comunidade Xucuru-Kariri desde 2001[2], como parte de um projeto mais amplo que teve como objetivo inicial acompanhar a chegada deste grupo étnico ao município de Caldas - Minas Gerais.

Segundo dados do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES), o povo Xucuru-Kariri é oriundo da região de Palmeiras dos Índios, em Alagoas, região marcada por grandes conflitos pela terra. Os conflitos mais intensos envolvendo a etnia Xucuru, ocorreram no estado de Pernambuco, intensificando-se com a morte do Cacique Chicão Xucuru. Segundo dados do processo, o assassinato foi considerado crime de pistolagem, motivado por conflito de terra. Chicão foi liderança importante no processo de luta do povo Xucuru pela demarcação de suas terras, localizadas em Pesqueira - PE. O crime foi uma tentativa de desmobilizar o povo em sua luta pela terra. Na sentença, o juiz deixou claro que a morte foi grave não só por ter sido um homicídio, mas porque levou ao acirramento dos conflitos entre índios e fazendeiros da região. Outros crimes contra os Xucuru que aconteceram depois do assassinato de Chicão vieram no contexto de impunidade que havia e anos após a morte de Chicão Xucuru, ainda são intensas.

As situações conflituosas culminaram na morte de indígenas. Fugindo dos conflitos e das condições climáticas inóspitas da região algumas famílias se mudaram para Botirama, BA. Na Bahia, porém, a situação não se altera e novos

conflitos surgem forçando alguns integrantes a saírem da região, tendo como líder, o Cacique Warkanã de Aruanã, conhecido como José Sátiro[3]. Em 1998, o grupo segue para Minas Gerais, época em que os Xukuru-Kariri solicitaram à FUNAI a compra de terras para o grupo em Minas Gerais. Enquanto avaliava a situação, a FUNAI destinou ao grupo, em caráter provisório, uma área na região de São Gotardo.

Em 2001, a FUNAI procurou assentar definitivamente o grupo, para tanto destinou uma fazenda no município de Caldas, distante 20 km da cidade de Poços de Caldas, sul do estado, para sua permanência. Essa fazenda possui 101 hectares e é de posse da União. Inicialmente, 50 moradores ocuparam a terra, enquanto outros permaneceram na Bahia, ao mesmo tempo em que prosseguiram as negociações entre o Cacique e a FUNAI para sua transferência para Minas Gerais. Dados recentes indicam que no início do ano de 2008 eram 180 moradores, e segundo informações de José Sátiro, a comunidade esperava a chegada de mais um grupo de cerca 56 pessoas.

Ainda segundo dados do CEDEFES, a comunidade vem participando ativamente do movimento indígena e dos encontros relativos à questão indígena em nível estadual e nacional. Os Xukuru-Kariri construíram assim, uma rápida e boa relação com as outras etnias no estado mineiro. Contudo, a chegada a uma nova localidade nem sempre é fácil, e a recepção por vezes é dificultada pelas impressões e preconceitos impressos na cultura local. Jizelma é professora na aldeia, está cursando um programa especial de formação de professores indígenas e relata a chegada dos Xucuru-Kariri no sul de Minas Gerais:

Nós, povo Xucuru-Kariri MG, gostaríamos em primeira mão de informar que não estamos mais morando em Guarda dos Ferreiros, Município de São Gotardo. Como vocês já sabiam, nós estamos a procura de terra, e graças a nossa luta, e juntamente com a FUNAI, encontramos. Também não nos mudamos para Pains, no alto São Francisco. Gostaria de lhes informar que nós estamos localizados hoje em: fazenda Boa Vista, Agropecuária em Caldas MG, Sul de Minas. Lá é muito bom porque chove muito. É um pouco afastado da cidade, tem algumas fazendas ao lado, mas graças a compreensão dos fazendeiros vizinhos estamos todos em paz. Quando nós chegamos lá o povo ficou um pouco assustado (eles pensavam que nós éramos índios selvagens). No decorrer dos dias vinha gente de todos os lugares nos visitar, conhecer, e nós, todas as vezes que chegava visita, nós nos pintávamos e vestíamos nossas tangas para darmos as boas vindas. Então, para todos que nos visitam, nós cantamos nosso aleilá que é o toré, dançamos e até já fizemos três ocas no centro da aldeia. E tem também o terreiro localizado no meio da mata, só que branco não pode entrar lá. Se vocês quiserem nos visitar para ver nossas danças, cantos, histórias, artesanatos, entre outros, já sabem onde nos encontrar[4].

Estranhamento e familiarização são constitutivos do processo de inserção no novo grupo social, com suas especificidades geo-políticas e sócio-culturais, como afirma Martins (1993). As mudanças culturais, a adaptação a um clima que no inverno chega de 2 ou 3 graus Celsius abaixo de zero, as culturas agrícolas distintas e a indisponibilidade de raízes e ervas com as quais estavam acostumados são apenas algumas das dificuldades encontradas pelos Xucuru-Kariri, na cidade de Caldas. Entre os aldeados, contudo, a maior dificuldade de adaptação é mesmo o clima frio. A aproximação do inverno demarca também a transição entre o sudeste e o nordeste. As famílias com mais dificuldades de adaptação às baixas temperaturas da região sul de Minas Gerais, migram para Bahia neste período. Tal mudança não implica apenas na transposição física do grupo familiar, mas também implica em transferir as crianças de escola exigindo contínuas adaptações já que, retornarão, na primavera, para Caldas.

Educação da Infância: Cultura e Sociedade Xucuru-Kariri

A educação escolar específica e diferenciada vem sendo constituída pelos povos indígenas brasileiros, com maior intensidade, nas últimas décadas. Os Xucuru-Kariri anseando reconstruir sua história, embora já bastante afetados pela introdução de códigos simbólicos ocidentalizados em seu modo de vida tradicional, reivindicaram, desde sua chegada à Caldas, a implantação de escola indígena na própria aldeia, rejeitando a escola da cidade. Bergamaschi (2005) afirma que em certos casos aldeias buscam a escola como uma forma de se aparelharem para compreender o "mundo dos brancos", acessando, por meio dela, conhecimentos necessários para uma interação mais simétrica com a sociedade não-indígena. No entanto, na aldeia Xucuru-Kariri, o processo tem sido inverso e a escola tem possibilitado a recuperação da língua e da história da sociedade Xucuru desde sua partida do Estado de Alagoas até sua chegada à Minas Gerais.

A reflexão proposta inicialmente, pela equipe de pesquisadoras, visava acompanhar os processos de escolarização, posteriormente passamos a analisar o lugar da criança e da infância na sociedade Xucuru-Kariri. Dados iniciais possibilitaram evidenciar as formas de apropriação que ocorrem na escola indígena, por meio de práticas escolares que buscam constituir um modo próprio de ensinar, em diálogo com os princípios que compõem a educação indígena de forma geral e a educação das crianças pequenas de forma particular. A escola é freqüentada, atualmente, pelas crianças matriculadas da série inicial ao quinto ano do ensino fundamental. No entanto, o grupo vem reivindicando a educação infantil e a oferta de vagas para os anos finais do Ensino Fundamental, uma vez que a maior parte dos aldeados trabalha nas fazendas próximas, nos períodos de colheita e em atividades informais.

A criança na percepção dos Xucuru-Kariri[5]

Ao assumirmos o estudo da realidade sócio cultural dos Xucuru-Kariri, procuramos perceber tanto a perspectiva da criança sobre sua infância, quanto procuramos observar e compreender o que pensam os adultos sobre as crianças e suas infâncias. No decorrer das observações pudemos analisar que as crianças pequenas procuravam a escola ao longo do dia e se situavam ali junto as mais velhas, nos momentos de recreio e durante as aulas. Um aspecto que nos chamou a atenção foi o fato de, tanto os adultos, quanto as crianças mais velhas, acolherem as pequenas sem expulsá-las daquele espaço ou rejeitá-las. Assim, os pequenos Xucuru-Kariri são denominados carinhosamente de *agregados*[6], participam das atividades da escola, merendam junto aos estudantes e brincam a maior parte do tempo.

Adultos e crianças têm grande mobilidade na aldeia, algo que não acontece com os brancos não aldeados, visitantes e pesquisadores, que têm seu espaço restrito ao centro da aldeia próximo às ocas ou à escola.

As crianças da aldeia hoje são um contingente considerável, cerca de um terço da população da aldeia tem entre 0 e 14 anos de idade. Observamos em nossas pesquisas, que os adultos procuram elaborar nas suas práticas e rituais o conteúdo de sua cultura, e se mostram preocupados em promover a transmissão de conhecimento mediante a aprendizagem e o convívio de crianças de diferentes faixas etárias. Não há, entretanto, na aldeia, dúvidas ou questionamentos sobre a melhor idade para a criança indígena, no caso a Xucuru-Kariri, iniciar o processo de escolarização. O que mais lhes ocupa, porém, é o questionamento sobre as conseqüências da iniciativa na reconstrução da identidade indígena de raiz Xucuru e

de tronco lingüístico Macro-Jê[7], da organização sócio-cultural e da sociabilidade das crianças pequenas.

Entre os Xucuru-Kariri, é forte a percepção de que a criança é a esperança para o grupo, seja no discurso dos adultos, seja na relação que estabelecem com elas, as crianças têm uma centralidade na vida da aldeia. Elas estão sempre próximas dos adultos, observam tudo e são observadas por todos. Porém, a observação constante dos adultos sobre as crianças não implica em opressão ou controle, mas em cuidado. Jizelma, a professora da aldeia citada acima, relata que todos são responsáveis pelas crianças, e que elas participam de todas as atividades de seu grupo social, como a ida ao "terreiro". Isto porque a ida ao terreiro diz respeito a cosmogonia indígena e portanto, é parte da sociabilidade da criança também. Em outros termos, entre os Xucuru-Kariri, os ritos são acompanhados pelas crianças desde cedo.

No cotidiano da aldeia as crianças não se diferenciam em grupos, seja etário, seja de gênero. Permanecem juntas a maior parte do tempo. Brincam no entorno da aldeia, colhem frutos e usufruem do amplo espaço de que dispõem. Poucos brinquedos industrializados podem ser vistos durante as brincadeiras, o contato com a natureza nos pareceu bastante intenso, e dela são retirados os objetos que farão as vezes de brinquedos, como coleções de sementes, cascas de árvores e folhas, ou pequenos insetos como besouros. Mas também é possível ver coleções de tampinhas de garrafas ou brinquedos feitos de sucata, como garrafas pet transformadas em bilboquês.

A Formação do Leitor Indígena

Tomamos como referência os depoimentos dos aldeados que enfatizam as possibilidades de buscar uma organização das interações sociais na própria escola. A luta pela escola indígena na aldeia, refere-se a necessidade identificada pelos Xucuru-Kariri de uma estrutura que fosse sensível aos aspectos culturais de origem da comunidade. Desta forma, os aldeados têm procurado fortalecer um projeto pedagógico culturalmente orientado, objetivando assim, não apenas criar as condições de sucesso escolar para a nova geração, mas também de recuperar os traços essenciais de sua cultura de origem. Temos observado, contudo, as dificuldades encontradas no processo de reconstrução da identidade indígena, processo que tem estreita relação com a própria escola e que muito tem influenciado em suas dinâmicas.

De um lado, a escola tem fortalecido a identidade do grupo, como vimos anteriormente, seja na recuperação da língua Xucuru, pois atualmente a língua materna dos aldeados é a Língua Portuguesa, seja na recuperação da memória de suas tradições. Não obstante, de outro lado, os relatos de membros mais velhos da comunidade indicam que a escola fortemente caracterizada por códigos simbólicos ocidentalizados data do início do século XX, em Alagoas.

Tã Ira, a mulher do Cacique, conhecida na aldeia como Dona Zefa, relata sua breve passagem pela escola como uma experiência marcadamente católica, cuja disciplina era garantida com uma série de castigos físicos como, por exemplo, ficar ajoelhada sobre grãos de milho seco, o que causava dor e constrangimento nas crianças, características que a levaram a deixar a escola antes mesmo de ser alfabetizada. No entanto, Dona Zefa considera esta experiência positiva e mais adequada do que aquela vivenciada pelas crianças da aldeia. Segundo ela, as crianças de sua infância respeitavam mais os professores e aprendiam mais.

Dona Zefa observa ainda que o processo de escolarização de indígenas em Alagoas foi responsável, em grande medida, pelo processo de retração tanto da língua Xucuru, quanto da própria cultura indígena. Essa ambivalência relativamente à escola, se repete na experiência contemporânea dos aldeados e se soma à intensa inserção de aparatos tecnológicos no cotidiano dos Xucuru-Kariri, elementos que segundo as professoras indígenas têm contribuído para o desaparecimento de boa parte dos códigos simbólicos e rituais de sua cultura.

Assim, ao iniciarmos as atividades extensionistas na aldeia, no ano de 2001, observamos que se tratava de um grupo cuja cultura era caracterizada pela oralidade e pelo escasso ou inexistente contato com a escrita. No entanto, o uso de aparelhos de televisão e rádio, passou, rapidamente, a ser a principal fonte de entretenimento e informação dos aldeados, especialmente dos adultos. A introdução destes aparatos culminou no afastamento do grupo que permanece atualmente, na maior parte de seu tempo livre, dentro de suas casas. As rodas de histórias, o relato de mitos e lendas indígenas deixou de ser uma atividade rotineira, para tornar-se episódica.

A maior parte dos adultos desconhece a língua escrita. Não obstante, a criação da escola diferenciada trouxe grande expectativa para o grupo, ao estender a oferta de vagas a todas as crianças com professores da própria aldeia, uma vez que conforme afirma Paes (2002):

No contexto mundial atual, no qual o letramento constitui importante elemento de valorização, reconhecimento social e acesso a uma multiplicidade de bens simbólicos, expressando uma garantia de estabilidade econômica, intelectual e profissional, ser ágrafo pode representar a exclusão desse processo. É por intermédio da palavra escrita, grafada, que se dão as mais importantes negociações e garantias legais para os cidadãos. O mundo ocidental é basicamente construído na e por meio da escrita. (p. 58)

Portanto, observamos que a expectativa deste grupo étnico, relativamente a escola não deixa de ser ambivalente. De um lado a escola fortalece suas tradições, recupera a língua de seus ancestrais (Xucuru), e de outro os instrumentaliza para assegurar seus direitos sociais diante de não indígenas. Além disso, a apropriação da língua escrita lhes garantirá não apenas o acesso, como também a compreensão dos códigos simbólicos ocidentalizados, cotidianamente mais presentes em seu grupo social.

Tecendo Algumas Considerações

As experiências que temos vivenciado nas atividades de extensão universitária na aldeia Xucuru-Kariri trouxeram a compreensão sobre as especificidades da educação escolar indígena como também suscitaram interrogações sobre este tema tão especial e tão emergente. Nossa atuação como mediadoras, interlocutoras e por vezes como co-participantes de um processo de constituição da escola indígena, permitiu também a construção de novos conhecimentos a respeito da escola e sua centralidade num contexto tão particular.

Compreendemos que no contexto da educação Xucuru-Kariri a escola assumiu um duplo caráter, sendo central na sociabilidade deste grupo étnico. De um lado tem possibilitado fortalecer tradições, de outro lado tem inserido a nova geração nos códigos simbólicos não indígenas, de modo a possibilitar sua inserção na sociedade brasileira como cidadãos plenos.

Analisamos que o quadro de referências culturais que guia a ação dos Xucuru-Kariri somente pode ser entendido com base na história de uma 'sociedade de passagem' [8], assim como na relação desse grupo com os grupos sociais dominantes com os quais se confrontaram, e cujo resultado produziu um intenso processo de migração, na luta pela terra.

Bibliografia

BERGAMASCHI, M.A. *Nemboe*. Enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani. 2005. 270f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

D'ANGELIS, W. *Formando escritores indígenas*. 1. ed. Campinas, SP: Cefiel - Centro de Formação Continuada de Professores, do IEL, 2008.

D'ANGELIS, W. Educação escolar indígena? A gente precisa ver. *Ciência e Cultura* (SBPC), v. 60, p. 28-31, 2008.

D'ANGELIS, W.; VEIGA, J. (Orgs.) . *Escola indígena, identidade étnica e autonomia*. 1. ed. Campinas, SP: Núcleo de Cultura e Educação Indígena da ALB e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP), 2003. v. 1. 92 p.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha . Aquisição do sistema fonológico do Português: correlações opositivas, traços e hierarquização.. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (UNICAMP), Campinas, SP, v. 39, p. 23-40, 2002.

D'ANGELIS, W. da R.; CUNHA, C. M.; RODRIGUES, A. D. *Bibliografia das Línguas Macro-Jê*. 1. ed. Campinas, SP: Depto de Lingüística - IEL - UNICAMP, 2002. v. 1. 102 p.

LOPES DA SILVA, A.; MACEDO, A.V. L. S. NUNES, A. (orgs.). *Crianças Indígenas - Ensaios Antropológicos*. São Paulo: Global Editora, 2002.

MARTINS, J. de S. *A Chegada do Estranho*. 1. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

NOBRE, D. B. Infância Indígena Guarani Mbya. In: Vasconcellos, V.M.R. e Sarmiento, Manuel J. (Orgs) *Infância (In)Visível*. Araraquara-SP: Junqueira & Marin editores, 2007.

OS POVOS indígenas e o direito à educação no Brasil. *Documento apresentado pela União das Nações Indígenas do Brasil na quarta sessão do grupo de trabalho sobre populações indígenas da ONU*, em Genebra, 1985.

SILVA, A.L. Educação para a tolerância e povos indígenas no Brasil. In. GRUPIONI, L.D.B.; VIDAL, L.; FISCHMANN, R. (Org.). *Povos indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade*. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 99 - 131.

SILVA, B. S. Nossas Raízes Indígenas. Campinas, ALB/COLE, 2005. Relato de Experiência (Comunicação Oral) *Apresentado no 16º. Congresso de Leitura* (COLE).

VEIGA, J. Cosmologia Guarani: os Apapokuva do Laranjinha, PR. In: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e Aryon Dall'igna Rodrigues. (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2007,

VEIGA, J. *Aspectos Fundamentais da Cultura Kaingang*. 1. ed. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2006.

[1] Projeto Financiado com Recursos da Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas.

[2] Contamos desde 2002 com a colaboração dos Profs. Wilmar da Rocha D'Angelis e Juracilda Veiga, sem a qual não teríamos condições de dar continuidade ao projeto.

[3] A família de José Satiro passou a ser conhecida nacionalmente quando seu filho Nena tornou-se lateral direita de um time paulista, o Corinthians, recebendo o apelido de Índio. A situação inusitada de um indígena jogando num clube importante de São Paulo fez com que a história da família se transformasse em reportagem de capa da revista Época, por ocasião das comemorações dos 500 anos do Brasil. Cf. dados do Cedefes, 2005.

[4] Relato proferido durante o Curso de Formação de Professores Indígenas, da UFMG. Disponível on-line em: <http://www.lettras.ufmg.br/bay/sites/xucuru/historiasxucuru.htm>

[5] Sobre a Infância na Cosmovisão Xucuru-Kariri, ver: REIS, Magali e OLIVEIRA, Sueli M. P. *Infância e Cultura: A Criança Xucuru-Kariri*. Juiz de Fora: 1º. Seminário dos Grupos de Pesquisas com Crianças e sobre Infâncias, 2008. (Anais do Evento)

[6] O termo agregado é particípio passado de agregar, que deriva da forma latina *aggrerare* que significa reunir, juntar, associar. Cf. Houaiss: Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

[7] A recuperação da língua Xucuru tem sido bastante dificultosa dado o afastamento das raízes dos aldeados, ocorrido com a saída destes de Palmeira dos Índios AL. Sobre as línguas de tronco Macro-Jê ver: D'ANGELIS, Wilmar da Rocha ; CUNHA, Carla Maria ; RODRIGUES, Aryon Dall'igna . *Bibliografia das Línguas Macro-Jê*. 1. ed. Campinas, SP: Depto de Lingüística - IEL - UNICAMP, 2002. v. 1. 102 p.

[8] Referimo-nos aqui aos grupos sociais que migram em busca de melhores condições de vida e sobrevivência, por vezes sem obter êxito.